



**CAÇAR E LIQUIDAR PROSÓDIAS EM PAUPÉRIA:
HISTÓRIA E LITERATURA MENOR ENTRE
TORQUATO NETO E DURVALINO COUTO FILHO**

Edwar de Alencar Castelo Branco**
Universidade Federal do Piauí
edwar2005@uol.com.br

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito***
Universidade Federal do Piauí
fabioleobrito@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho reflete sobre algumas ressonâncias da obra de Torquato Neto nas letras e nas artes piauienses, operando uma apropriação histórica desse material. Com o objetivo de traçar um perfil de referências que poderiam ser apontadas como vestígios da fragmentária obra torquateana na conformação de uma arte contemporânea no Piauí e buscando contextualizar a cidade de Teresina no início da década de 1970, o texto faz, a partir da noção esquizo-analítica de *literatura menor*, uma leitura histórica da obra “Os caçadores de prosódias”, de Durvalino Couto Filho, na qual é possível perceber uma série de ressonâncias torquateanas.

PALAVRAS-CHAVE: História. Linguagem. Literatura menor. Torquato Neto.

**HUNT AND SETTLE PROSODIES IN PAUPÉRIA:
HISTORY AND MINOR LITERATURE BETWEEN
TORQUATO NETO AND DURVALINO COUTO FILHO**

ABSTRACT: This paper reflects on some of the resonances of the work of Torquato Neto in the lyrics and in the Piauí's arts, operating a historical appropriation of this material. In order to trace a profile of references that could be cited as evidences of the fragmented work of Torquato's work in establishing a

** Doutor em História. Líder do grupo de pesquisa “História, Cultura e Subjetividade” do CNPq. Professor Associado no PPGHB e no DGH/CCHL/UFPI. Desenvolve estágio pós-doutoral no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

*** Mestre em História do Brasil. Doutorando em História Social na Universidade Federal do Ceará. Professor Assistente I da Universidade Federal do Piauí. Membro do grupo de pesquisa “História, Cultura e Subjetividade” do CNPq.

contemporary art in Piauí and trying to contextualize the city of Teresina in the early 1970s, the text does, from the notion schizo lower-analytic literature, a historical reading of the book “*Os caçadores de prosódias*”, of Durvalino Couto Filho, where is possible to see a series of Torquato resonances.

KEYWORDS: History. Language. Minor literature. Torquato Neto.

Os muitos pedaços de tudo aquilo que foi feito aparecem estilhaçados e espalhados pelo caminho. Não compõem um todo ao qual se possa apalpar com algum conforto, muito menos a eles se poderia atribuir qualquer conceito ou forma que os abarcasse em plenitude. Nada vezes nada, ou, quando muito, alguma coisa, aqui e ali, que fizesse sentido – talvez fosse essa uma forma de tentar contextualizar racionalmente as possíveis ressonâncias do que fizeram aqueles que, bitolas amadoras e mimeógrafos em punho, espalharam “filmes sem pé nem cabeça” e “jornalecos malucos” pela cidade de Teresina, enquanto o “Milagre Brasileiro” galopava altos índices de audiência e popularidade.

No tempo e no espaço, os pedaços compõem um quebra cabeças que não pode ser reorganizado novamente, a não ser que o montador entenda que suas peças não se encaixam com perfeição, de maneira harmônica, mas sim num enlace forçado, quase violento. Cada uma delas possui muitas possibilidades de entrada, que se transformam, aparecendo um encaixe novo, ou encolhendo um já existente, tal qual uma tartaruga que encolhe sua cabeça, ou um alimento pastoso que se adapta a vários recipientes.

Pensando as ressonâncias da obra de Torquato Neto¹ como esse conjunto de fazeres artísticos que se imbricam de forma metamórfica, é possível tomar a sua memória como um pretexto para pensar, do interior da oficina dos historiadores, como foi se constituindo, na bucólica Teresina do início da década de 1970, um grupo de artistas experimentais que levaram ao limite da coincidência entre arte e vida a aventura de fazer filmes, escrever livros, recitar poesias, inventar territórios, borrar jornais precariamente mimeografados e, enfim, caçar e liquidar prosódias: forjar uma cidade

¹ Torquato Neto, poeta, músico e cineasta piauiense, nascido em 9 de novembro de 1944, auge do Estado Novo. Aparece como uma das figuras referenciais da Tropicália, e de diversos outros movimentos de vanguarda artística no Brasil. De vida curta, suicidou-se, aos 28 anos de idade, deixando a obra póstuma **Os últimos dias de Paupéria**, organizado por Wally Salomão.

alternativa arrancando-a do lombo de *Tristeresina*, a cidade subjetiva de Torquato Neto.²

No esforço quase frenético para liquidar Paupéria, Torquato migra, ainda menino, de Teresina para o Rio de Janeiro, com escala em Salvador. Pouco antes de empreender sua última viagem, com a qual buscará “destruir a linguagem e explodir com ela”,³ retorna à capital piauiense. Em Teresina, prescreve um conjunto de práticas que, aqui e ali, constituem respingos que referenciam o poeta e seus escritos. Os tantos lugares que percorre, subjetivamente, são ambientes de Paupéria, “uma região de parcas pecúnias de Pindorama”.⁴ Brasil subjetivado pelo poeta ao longo de sua vida curta.

Ao pousar o olhar sobre a constituição de uma “literatura experimental piauiense”, no interior da qual fermenta uma série de textos – poesias, crônicas textos de opinião – editados precariamente em mimeógrafo mecânicos, uma vez que não havíamos chegado sequer à era dos mimeógrafos eletrônicos, não é possível encontrar uma referência clara de seus produtores aos escritos do poeta, mas há indisfarçados encontros semânticos, através dos quais Torquato pode ser visto e podem ser flagradas suas muitas prescrições sociais.

Lançando um olhar para a segunda metade dos anos 1970 e seguindo a visada por toda a década de 1980, é possível encontrar autores que integraram a “Geração Mimeógrafo” no Piauí e que expressam opiniões diversas. Elmar Carvalho, em texto no qual defende ser a Geração Mimeógrafo o ponto inicial do modernismo literário piauiense, afirma ser Torquato Neto “o último grande referencial da geração 70”.⁵ Paulo Machado, por sua vez, em escrito que ajuda a contextualizar o período, defende ser a literatura posterior a 1969 uma expressão combativa às limitações impostas pela imprensa oficial:

² Cf. CASTELO BRANCO, Edwar de A. A cidade dizível: história e memória em *Tristeresina*, a cidade subjetiva de Torquato Neto. In: **Textos de História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.; Vol. 14, No 1-2 (2006): Dossiê: Marcas da Transgressão e Ações Normalizadoras na Formação da Sociedade Brasileira. 163-174.

³ TORQUATO NETO. Marcha à revisão. In: _____. **Os últimos dias de Paupéria**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. p. 23.

⁴ SALOMÃO, Wally. Cavem, canem, cuidado com o cão. **Folha de S. Paulo**, p. 06, 5 nov. 1995.

⁵ CARVALHO, Elmar. O Modernismo Literário no Piauí. Disponível em: <<<http://www.portalentextos.com.br/noticias/polemica-elmar-carvalho-defende-que-o-modernismo-literario-no-piaui-comecou-com-a-geracao-mimeografo.27.html>>> Acesso em: 11/junho/2012.

Nos últimos anos da década de 70 e durante a década de 80, deu-se a fase de afirmação da Geração Pós-69, em decorrência da expressividade estética das obras de seus integrantes. Incomodadas, as forças contrárias às nossas proposições estéticas (fundadas estas, as nossas, em, entre outras, proposições de referências culturais vigorosas, de vanguarda ou não, na coloquialidade da linguagem, na ampliação dos suportes ou mídias, no aprofundamento da ruptura com o academicismo e na vinculação profunda entre arte e cotidiano), usaram a imprensa para difundir, equivocada e maldosamente, que os conteúdos das produções eram limitados por princípios políticos redutores de sua expressividade. Este confronto, aparentemente estético, era, na verdade, uma contraposição de essência ideológica que a crítica exercida à época, e até mesmo a desinformada e reacionária de hoje, tenta(va) dissimular.⁶

A postura de combate à realidade sociopolítica começava a aparecer como uma arma da juventude que se expressava no jornalismo alternativo. O descontentamento e o sentimento mesmo de decepção com as mudanças que ocorreriam no Brasil e no mundo tornam-se pauta na fala de jovens que permanecem insistindo em se expressar, como se pode observar na fala de Cinéas Santos, em texto publicado no segundo volume da produção alternativa *Distanteresina*:



No tempo em que não se tinha tanto medo e as incertezas não eram tantas, ouvia-se e repetia-se constantemente: O Brasil é o país do futuro.”, slogan travestido de verdade. Lembro-me que na escola, onde me incutiram o culto do individualismo e me empanturraram de preconceitos, aprendi que “Os moços de hoje governarão o mundo de amanhã.” Hoje, que já não sou tão moço, me pergunto: onde é que eu vou entrar nessa história? Na gaveta, meu título de eleitor, amarelecido e inútil, aguarda.

O certo é que a gente cresce e acaba por descobrir que o Brasil teima em adiar o futuro, enquanto os moços desiludidos envelhecem, mas “temos o melhor futebol do mundo.” Mais tarde, constata-se que a nossa renda per capita não passa de uma dolorosa piada, mas “quem é capaz de segurar Garrincha e Pelé”? Nem mesmo o ferrolho dos comunistas. Algum tempo depois, vê-se que a dívida externa do país atinge a cifra do incalculável (para o cidadão comum), mas “somos bicampeões do mundo.” Bem mais adiante, verifica-se que as garantias individuais já não têm garantia alguma, mas atingimos o ponto culminante e somos tricampeões.” Finalmente, descobre-se que a inflação acabará por nos engolir a todos, sob o olhar cúmplice da TV, mas...

Já não existe “mas”: os homens violaram os nossos segredos, anularam os nossos milagres, inutilizaram o nosso quadrado mágico e penetraram em nosso campo com a voracidade de uma multinacional emergente. E o pior é que já não há drible, finta, firula, jinga, catimba, mumunha capaz de alterar as regras do jogo... Estamos batidos

⁶ MACHADO, Paulo. Geração Pós-69. In: LIMA, Luiz Romero. **Presença da literatura piauiense**. Teresina: Halley, 2003. p. 235.

pregados, irremediavelmente perdidos: tiraram-nos o último/único trunfo. Já não temos sequer o melhor ópio, perdão, futebol do terceiro mundo.⁷

A desilusão que se denotava, entre jovens teresinenses de fins dos anos 1970, época em que a Ditadura já apontava para um processo de abertura política “lenta, gradual e segura”, ajuda a compor uma leitura do que seria a maior parte das manifestações escritas nos experimentalismos artísticos de então. Publicações mimeografadas, dentre as quais reluzem a coletânea *Tudo é Melhor que Nada*, de 1974, dedicada à memória de Torquato Neto, abririam espaço para trabalhos futuros, como *Ciranda*, de 1976; *Ô de Casa*, de 1977, editada por Cinéas Santos; *Ponta de Rua*, livreto de William Melo Soares, de 1978; *Tá Pronto seu Lobo?*, de Paulo Machado, do mesmo ano, dentre outras, ajudando a compor um conjunto de referências manifestas do descontentamento juvenil com as transformações esperadas, porém não cumpridas.⁸

O atravessamento do experimentalismo artístico teresinense chegaria aos anos 1980 com um viés que se dividia entre a politização e a permanência do desbunde. Edwar de Alencar Castelo Branco, ao recordar as subjetividades do tempo em que entrou na universidade, relembra que era essa uma época em que as leituras políticas de esquerda, dentre as quais *A Revolução Brasileira*, de Caio Prado Júnior, apareciam como referências obrigatórias para alunos de quaisquer cursos. Em contrapartida, o seu grupo de amigos permanecia como uma resistência – mesmo que não combativa – ao padrão politizado da juventude acadêmica da Universidade Federal do Piauí, dedicando-se a outras transas⁹ possíveis: “A minha geração, convivendo com o fato de que a ‘Nova República’ tinha mais ou menos as mesmas caras da ‘Ditadura Militar’, orgulhava-se então de outras leituras: Jack Kerouac, com ‘On the road’ e Caio Fernando Abreu, com os seus ‘Morangos Mofados’ [...]”¹⁰

Tal qual nos anos 1960 e 1970, onde o engajamento político do *corpo-militante-partidário* ora tencionava, ora misturava-se com as fragmentações e

⁷ SANTOS, Cinéas. Mudaram as regras do jogo. *Distanteresina*, Teresina, p. 02, ago. 1977 (destaque do autor).

⁸ Cf. BEZERRA, José Pereira. **Anos 70: Por que esta lâmina nas palavras? (Antiéstética marginal & geração mimeógrafo no Piauí)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993. p. 21-24.

⁹ A expressão “transa” possuía, na década de 1970, uma significação diferente daquela atribuída hoje, sendo possível atribuir a ela o sentido de “diversão” ou “curtição”, e não necessariamente a conotação sexual.

¹⁰ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 42.

subjetividades do *corpo-transbunde-libertário*¹¹, nas décadas que se seguiriam, produções artísticas de cunho político-partidário permaneciam, digladiando-se ou convivendo com as táticas desbundantes daqueles que, apesar do passar dos anos, permaneciam jovens. Se a faixa etária de muitos dos componentes da então “Geração Torquato Neto” variava entre os 16 e os 20 anos no início da década de 1970, as artes de fazer que mantiveram nas duas décadas seguintes apontariam para um amadurecimento etário, que, não necessariamente, os afastaria daquilo que produziam na “juventude”. Assim, uma vez que se mantém a existência de um conjunto de peripécias que demarcam os “agoras” constituintes de uma determinada época,¹² é possível colocar que a geração continua a existir, a produzir e a reproduzir-se. É nessa perspectiva que encontramos, para além da década de 1980, vestígios literários que apontam para uma influência ou ressonância de Torquato Neto, dentre as quais é possível destacar e discutir a obra literária *Os caçadores de prosódias* (1994), de Durvalino Couto Filho.

Exemplo claro de que os participantes do cinema experimental, jornalismo alternativo e literatura marginal, em geral, eram as mesmas pessoas, Durvalino, um dos personagens centrais das produções de imprensa alternativa *Comunicação, O Estado Interessante* e *Gramma*, bem como do super-8 *Davi Vai Guiar*, obras no interior das quais foram propostas muitas das possibilidades de reinterpretação da capital piauiense, é um daqueles que permaneceria produzindo. Ao romper paredes do tradicionalismo, movimentações das quais Torquato Neto participou e ajudou a inventar, Durvalino e seus amigos formataram novas (con)vivências, de maneira que elas permaneceram, tanto no campo dos afetos, como ressaltou Carlos Galvão, em entrevista citada neste capítulo, como no campo das subjetividades expressas.

Nascido em Teresina, em 1953, filho do médico Durvalino Couto e da funcionária pública Erice Gonçalves Couto, Durvalino Couto Filho morou em Teresina até concluir o 2º grau, quando foi cursar Comunicação em Brasília, na UnB. Queria ser jornalista, mas desiste do curso para poder trabalhar, e também por não se sentir bem no

¹¹ Para melhor entendimento das expressões “corpo-militante-partidário” e “corpo-transbunde-libertário”, ver CASTELO BRANCO, Edwar de A. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

¹² Embora, nesse trecho, subentenda-se a utilização do conceito de *geração*, cf. Jean-François Sirinelli (op. cit.), intentamos relacionar esse conceito com a perspectiva apontada por Walter Benjamin, segundo o qual “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Ver: BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. I. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 229.

ambiente universitário de sua época: “a universidade tinha um ambiente muito ruim por causa da ditadura, professores medíocres, muito dedo-duro, um clima geral de insegurança e medo”.¹³ Começa a trabalhar na Rádio Nacional, como produtor musical em uma sucursal do jornal O Globo e como *free lancer* para o Correio Braziliense. Ainda no final dos anos 1970, percebe que o jornalismo o afastava daquilo que ele realmente gostava de fazer, e, em 1978, retorna a Teresina, onde passa a exercer a profissão de publicitário, mas, principalmente, a se engajar em peripécias musicais: com Edvaldo Nascimento, encabeça algumas das primeiras bandas de rock da cidade com trabalho autoral. Como agitador cultural na cidade, Durvalino promove eventos como o ciclo de palestras da “Semana Mário Faustino”, onde conta com a participação de figuras como Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Antônio Cícero, dentre outros.¹⁴

Em *Os caçadores de prosódias*, obra em que, no início dos anos 1990, Durvalino reúne parte de seus escritos em poesia e em prosa, uma série de intertextos apontam para as leituras de mundo do poeta, nos anos em que flanou pela Teresina subjetivada por sua geração. Aparecem na obra releituras de autores, como Carlos Drummond de Andrade, Mário Faustino e Torquato Neto, bem como textos que se relacionam com suas próprias vivências. O conteúdo, de formatação profundamente experimental, integra elementos híbridos, de estilos e formas literárias, compondo um retrato sentimental dos tempos e espaços que vivenciou. Em comentário no blog Piauinauta, de Edmar Oliveira, Geraldo Borges aponta suas opiniões a respeito do trabalho de Durvalino:

Descobri que ler o poeta Durvalino Filho é fazer uma viagem pela intertextualidade da literatura brasileira, não só brasileira E, muito embora, Durvalino tenha escolhido Teresina para morar, viajou e morou em outras capitais do Brasil E teve alhures experiências; o seu livro não reflete um poeta provinciano. Sua poesia espelha um período de transição cultural dos ásperos tempos, que nossa geração teve de

¹³ COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. 8 abr. 2009. In: MEDEIROS, Hermano Carvalho. **Da fuga ao mito: a construção do mito cultural Torquato Neto**. 2009. 56 p. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Campus Clóvis Moura, Universidade Estadual do Piauí. Apêndice I.

¹⁴ Informações obtidas através do livro **Os caçadores de prosódias** e da entrevista concedida por Durvalino a Hermano Carvalho Medeiros. Ver: COUTO FILHO, Durvalino. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1994. p. 181; COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. 8 abr. 2009. In: MEDEIROS, Hermano Carvalho. **Da fuga ao mito: a construção do mito cultural Torquato Neto**. 2009. 56 p. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Campus Clóvis Moura, Universidade Estadual do Piauí. Apêndice I.

enfrentar; e, para isto, teve de mudar de linguagem, criando metáforas bizarras. Como se pode conferir, o seu livro é o resultado de sua experiência política – cultural, exercida, e compartilhada ao lado de seus companheiros, que redigiram o jornal “O Gramma”, veículo de comunicação que marcou o rumo de um grupo de jovens que se manifestaram culturalmente contra o regime militar.¹⁵

Em toda a produção escrita de Durvalino Couto Filho, os intertextos conformam uma gama de configurações históricas de seu tempo e espaço, marcas identitárias de sua geração. A Teresina provinciana, onde andar na rua a partir de certa hora da noite, ou em certos lugares da cidade a qualquer hora, denotava maus hábitos e más atitudes, aparece por escrito, tal qual aparecera no filme *Davi Vai Guiar*¹⁶. Partindo da noção de que a *literatura menor* tem, em seu interior, uma forte carga de política, visto que se encontra emersa e compenetrada de sua função de enunciação coletiva,¹⁷ é possível entrever que Durvalino pensou seus escritos como uma estratégia de subjetivação micropolítica do Piauí. O território é apenas um aporte para se pensar as múltiplas identidades locais numa perspectiva bem mais ampla. Com as mesmas práticas experimentais com as quais construiu leituras de poetas, e repensou seu tempo, Durvalino se propõe a lançar um manifesto, de cunho cultural e político, no qual pretende forjar uma nova leitura a respeito da própria noção do ser piauiense. Assim se predizia o *Pau Baçu*, um clamor que, no mesmo bojo em que denuncia o trabalho parasitário da imprensa piauiense e as perdas comerciais do Estado no campo da agroindústria, teimando em lutar pela retirada do Piauí de seu estado clássico de atraso, pretende lançar, como uma trombeta, um som alto e combativo no sentido de chamar para si as fundações-bases da cultura piauiense:

ARTES EM GERAL:
A GELÉIA PODE TREMER, MAS NÃO SE ENTREGA

Pela valorização imediata do artista piauiense, enfim libertado dos inúteis Olimpos do saber e do rebolar das teses. Mais livre ainda do conservadorismo camuflado nas RAÍZES, que pinta para amaciar a audácia criadora.

¹⁵ BORGES, Geraldo. Impressões sobre “Caçadores de Prosódias”. Obtido em: <<<http://piauinauta.blogspot.com.br/2008/02/impressoes-sobre-caadores-de-prosdias.html>>> Acesso em: 16/junho/2012.

¹⁶ Nesta produção, de caráter experimental, as noções de guia e contraguia, que atuam como instrumentos de disciplinamento social na cidade, são subvertidos pela prática urbana de jovens que percorrem os espaços à revelia das normatizações impostas.

¹⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 27.

A vitória do homem contra o mito. Ninguém orienta o CARNAVAL do cordão de isolamento. Abaixo os falsos piauienses e os caboclos de salão.

Pela estética do aqui e agora – A CRUZADA NACIONAL CONTRA A MORTE. A ação ordinária contra as artimanhas do Direito. A estética do AQUI E AGORA repercutindo também lá fora.

Nossa raiz maior – Rede Globo – que tirou a vovó da cadeira preguiçosa. O meio frio com alta taxa de informação engolindo o crepitar das lamparinas. O original que desoriginalizou-se.

Pela tomada do Theatro 4 de Setembro.

Ação e trovoadas. Chapada do Corisco. Manifesto PAU-BAÇU.

HELIOTROPISMO POSITIVO –

um grupo em busca da luz.

Teresina, 1981.¹⁸

Partindo de matrizes que exalam tanto o Modernismo de Oswald de Andrade quanto o Tropicalismo, o *Manifesto Pau-Baçu* aparenta, ao mesmo tempo, ser uma retomada armorialista em prol da cultura piauiense. Entre tensões culturais e performances próximas, é possível perceber, nas propostas culturais de Durvalino Couto Filho, uma tendência de, simultaneamente, promover uma emergência do artista piauiense de raiz, evocando o cerne da *piaiensidade*,¹⁹ e grandiosidade híbrida de se relacionar com o lado de fora: “a estética do AQUI E AGORA repercutindo também lá fora”.

As atitudes poéticas de mudar a linguagem, criando “metáforas bizarras” apresentam-se como *táticas*, artes do fraco,²⁰ usadas para, subvertendo a palavra poética, redirecionar os signos e suas formatações. Os experimentos literários de Durvalino Couto Filho aproximam-se da busca pelos significados errantes, empreendida por Torquato Neto, uma vez que intenta destruir, terroristicamente, as noções tradicionalmente concebidas. Esse processo destruidor-criador, aqui, apresenta-se como

¹⁸ COUTO FILHO, Durvalino. Manifesto Pau-Baçu. In: _____. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1994. p. 27.

¹⁹ Para uma leitura maior a respeito dessa formatação conceitual, discutida no campo acadêmico, ver: SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e identidade**: as narrativas da piuiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010; COSTA FILHO, Alcebiades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição histórica da piuiensidade. 2010. 194 p. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

²⁰ CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: _____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 92.

uma arma da *literatura menor*, uma vez que esta, desencadeando conteúdos aparentemente insólitos, instaura dentro de si um exercício de marginalidade.²¹

A obra de Durvalino, dessa forma, aparece, no contexto cultural do início dos anos 1990, como uma das ressonâncias de Torquato Neto nas letras e nas artes piauienses. Os textos presentes em *Os caçadores de prosódias*, lidos na tessitura de sua época, fazem inúmeras conexões com a vida e a obra do poeta *d’Os últimos dias de Paupéria*. Seja sob a forma de homenagem, seja sob a intenção de aproximar-se das suas próprias referências, em muitos textos, Torquato é enunciado e/ou intertextualizado. Uma de suas primeiras aparições no livro se dá no poema “Maktub”, onde Durvalino faz um inventário sensível de sua curta existência:

o poeta não tinha veia
mas
veio

foi onde
o
atingiram

seguraram o mito
e serviram a obra
num prato frio

nessa hora
nenhum
dos passarinhos
cantou
do quintal para a janela
 (“a carne seca é servida”)

a cidade adormeceu
dizendo:
estava escrito²²

Nas palavras acima, Durvalino evoca Torquato, ao relacionar sua vida, morte e obra, fazendo com que estes elementos compusessem um tripé na interpretação de suas atitudes. Aponta a transformação de Torquato em mito, o que se dá apenas após sua morte, denunciando que o entendimento de suas palavras não acontecera em vida. Tal qual o poema “Daqui pra lá, de lá pra cá”, onde Torquato narra a história do “cidadão

²¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 29.

²² COUTO FILHO, Durvalino. Maktub. In: _____. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1994. p. 23.

sem documento”, que “embarcou num disco e foi levado pra bem longe do asterisco em que vivemos”,²³ lugar de onde não voltou porque não quis, “ficou por lá, já que por lá se é mais feliz”, o poeta d’Os caçadores de prosódias aponta os desvios e as vendas cotidianas que, presentes numa sociedade que não aceitara Torquato, nem lhe dera a importância devida, levou-o à morte prematura. Da mesma forma, indica que a sua morte já estava enunciada em uma ampla produção escrita, na qual Torquato relacionou-se autofagicamente com a ideia de fim.

O movimento de inventar textos, em Durvalino, se aproxima do processo criativo, de montagem/bricolagem de Torquato Neto, inclusive nestes textos, em que ele próprio – Torquato – aparece como o personagem principal. Na grande maioria das referências, como em “Maktub”, Torquato aparece como o “anjo louco” errante, de morte prematura e declarada. Em “Let’s Poetry”, a referência mais direta ao poeta, sua vida e sua obra, ele é imbricado em outros dois nomes da literatura contemporânea, que, tal qual ele, reinventaram a palavra escrita – Carlos Drummond de Andrade e Mário Faustino – um de longa poesia, e o outro de passagem fulgaz pela vida:



LET’S POETRY

a Drummond, Torquato e Faustino
in memoriam

também conheço um anjo
de rara envergadura
anjo também louco
anjo com sexo de anjo
arcanjo de asa dura

um ser de ouvido mouco
ao tanger real do meu banjo
e ao clamor sem fim do corpo

anjo cruel
que me avisa
com sua asa de ouropel

vai duda
não liga se a morte
é carrossel:
vai ser boeing na vida²⁴

²³ TORQUATO NETO. Daqui pra lá, de lá pra cá. In: _____. **Torquatália**: obra reunida de Torquato Neto. v. I. Do lado de dentro. Organização: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 142-143.

²⁴ COUTO FILHO, Durvalino. Let’s Poetry. In: _____. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1994. p. 103.

Se Drummond significara para Torquato uma das primeiras referências de sua produção escrita, um autor com quem se relacionara e intertextualizara, Mário Faustino dele se aproxima no sentido das vivências, guardando com o “anjo louco da Tropicália” uma profunda relação de similaridade. Tal qual Torquato, que viveu com intensidade seus 28 anos de vida, e que se aproximou do tema “morte” em grande parte de sua produção escrita, Faustino também despontara como “um poeta fascinado pelo amor e pela morte”.²⁵ Partindo dessas percepções de influências e intertextos, é necessário ao historiador ter em mente que “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas uma captura do presente”, uma vez que “vinda não se sabe de onde, a lembrança não se permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa”.²⁶ Observando tais posicionamentos, é possível perceber que Durvalino captura um Torquato Neto que habitava suas lembranças, envolto nas angústias de seus últimos dias. Nesse processo, enfoca o poeta que, no limiar da morte, mas ainda em vida, sofre as agruras do cotidiano no hospital psiquiátrico, onde, mesmo tendo se internado por vontade própria, sofre com a atitude coercitiva e disciplinadora daqueles que lidam com a loucura como uma perturbação social a ser reordenada.²⁷

conheci um poeta que foi ameaçado com uma camisa de força caso se recusasse a seguir a medicação do hospital. e olha que ele foi para o hospício porque queria descansar. a família encaminhou tudo e deixou a entender que, sempre, toda e qualquer medida só seria tomada com o seu (dele) consentimento, ele disse para a médica no corredor

- ME DEIXE EM PAZ, SUA PORCA.

ela havia dito antes, em tom de

gozação:

- é assim que você quer ficar em paz?

matando sua mãe aos poucos. quando é que você vai entender as coisas? você não acha que já fez demais nesse tempo que passou fora? por que você não resolve seus problemas de sexo com essas meninas de subúrbio? olha, meu filho, você se engana se pensa que eu não conheço marx. seus parentes me falaram de seus problemas com tóxico. você não acha que pega mal ser um maldito amparado pela família?

²⁵ TAVARES, Zózimo. **Sociedade dos poetas trágicos**: vida e obra de 10 poetas piauienses que morreram jovens. Teresina: Gráfica do Povo, 2004. p. 57.

²⁶ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 09-10.

²⁷ Para uma leitura mais aprofundada a respeito, ver: FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MORDAZ MORDAÇA SANGRIA.²⁸

Neste trecho, Durvalino relembra um Torquato assolado pelo sentimento de prisão – um daqueles que mais o consumia e angustiava. A temporada do poeta no hospício, quer seja o do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, quer seja o Sanatório Meduna, em Teresina, era marcada por um conflito entre o desejo de descansar, afastar-se do mundo e dos vícios que, ele sabia, estavam-no matando, e a sensação indelével de estar preso, tolhido de suas vontades. Na grande maioria das situações, Torquato Neto vagava pelos sentimentos de angústia, medo e morte, embora, vez por outra, ele apresentasse espasmos de otimismo. O certo é que a sensação de estar sendo coercitivamente disciplinado o deixava agitado, irrequieto e mais triste. Durvalino ressalta que o poeta foi para o hospício porque queria descansar, mas lá fora ameaçado por uma camisa de força. Foucault, em sua *História da loucura na Idade Clássica*, aponta que, sob uma perspectiva científicista e determinista, à loucura e à demência, uma de suas consequências, são associadas diversas causas, como, inclusive, o formato do cérebro, que “quando não se tem uma forma *globosa* que permite uma reflexão eqüitativa dos espíritos animais, quando se produziu uma depressão ou uma saliência anormal, os espíritos são enviados em direções irregulares”.²⁹

A irregularidade não é permitida, em um mundo no qual se deve estar, constantemente, pelo lado de dentro da dobra.³⁰ Portanto, a Torquato Neto era imposta uma série de medicamentos, práticas e ações médicas que fugiam à sua vontade. A insatisfação do poeta diante das circunstâncias que ali vivia é apontada em seus diários, onde fala: “pela primeira vez estou sentido de fato o que pode ser uma prisão. aqui, as portas que dão para as duas únicas saídas existentes estão permanentemente trancadas – e há uma grade em cada uma delas, de onde se pode ver os corredores que dão para as outras galerias”.³¹ O descontentamento do poeta, perante uma sociedade que espera uma regeneração da parte do louco, se firma em sua ironia, quando fala dos companheiros de convívio naquele ambiente: “somos 36 homens, 36 malucos, 36 marginais – de qualquer

²⁸ COUTO FILHO, Durvalino. Torsula. In: _____. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1994. p. 94.

²⁹ FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 280.

³⁰ DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. São Paulo: Papyrus, 2000.

³¹ TORQUATO NETO. **Torquatália**: obra reunida de Torquato Neto. v. I. Do lado de dentro. Organização: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 323.

maneira esperamos a ‘cura’ no sanatório como a sociedade espera que os bandidões das cadeias se ‘regenerem’ etc. etc. [...]”. A dita sociedade espera a “cura” do louco, e sua reintegração aos padrões de normalidade usualmente concebidos, pretende contar com um “sujeito essencializado, dotado de uma identidade unitária, autônoma, privada, estável, de contornos fixos, ajuda-nos a perfilar formas de subjetividade múltiplas, heterogêneas, de confins fluidos”.³² Torquato, no entanto, via a si e aos seus companheiros de confinamento social como pessoas que recusavam as proposições tiranicamente impostas por uma formatação estática de *linguagem-discurso-significado*, ou seja, as maneiras como, usualmente, se pensava, agia e sentia na vida cotidiana. Observava a si e aos outros como sujeitos que se deslocavam das anatomias mentais imaginárias para um universo de fluxos ou linhas geradas nas novas relações entre o ser humano, seu corpo, o tempo e o espaço, constituindo seu *eu* de forma a não precisar recorrer a metateorias psicológicas ou linguísticas.³³

Ressonando em tantas outras referências a Torquato, Durvalino Couto Filho se vê envolto nas suas armas estilísticas, que constituem mais uma dentre suas muitas guerrilhas semânticas: o texto, em geral com todas as palavras iniciadas com letra minúscula, a não linearidade narrativa, a tentativa de fuga da realidade imposta. Em outro poema, intitulado “Decálogo do maldito”, Durvalino expõe dez versos, onde cada um remete a um poeta-referencial em sua produção. Torquato aparece em um deles, perceptível nas releituras que faz de trechos da sua obra poético-musical e vivenciada:

[...]
Driblar uma fera nada amável
chamada Brasil. Fumar general.
Voar no Concorde.
Dar adeus na canção, num veleiro.
E criar um país que morre junto
(o ar é letal)
com seus haustos de acochado,
nos últimos dias.
[...]³⁴

³² DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 121-122.

³³ DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 123.

³⁴ COUTO FILHO, Durvalino. Decálogo do maldito. In: _____. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1994. p. 42.

Nesse poema, ressalta o poeta perdido em suas subjetivações de Brasil, onde trechos de suas canções aparecem transcritos ou referenciados, como *Ai de mim, Copacabana*, que aparece no trecho “voar no Concorde”,³⁵ ou *Veleiro*, também citada. Em tentativas, por exemplo, de se aproximar da literatura concretista, mistura expressões de línguas diferentes, pratica uma atitude de terrorismo linguístico, transpondo formas da poesia tradicional.

Tomando Torquato como este personagem, que sobrevoara o mundo e espalhara cerdas e estilhaços àqueles que as pudessem aparar com as mãos, é possível perceber que as pegadas deixadas por ele, em sua caminhada por Paupéria, foram seguidas por Durvalino. Dessa maneira, fica claro que esta se configura como a maior prescrição social de Torquato Neto: estar com ele é estar contra a Paupéria. Se palavras apontam para um grande conjunto de ciladas, e se Torquato Neto aponta para uma narrativa antilinear e esquizofrenicamente traçada, Durvalino Couto Filho se apropria de seus dizeres, fazendo da linguagem, mais uma vez, uma arma. Caçar prosódias, a atitude à qual Durvalino se propõe, é uma tentativa de subverter a linguagem afinada, bem comportada. Não se quer nela pingar corretamente todos os “is”, ou acentuar, afinadamente, as palavras, denotando sua pronúncia. Uma vez que a linguagem, tal qual é pensada e esquematizada se transforma em alvo, caçar prosódias é propor novas pronúncias, e novos significados.

Mesmo imbricados como sujeitos de um tempo semelhante, personagens que dão ritmo a uma história em espiral, “dilatando-se e encolhendo-se ao sabor das frequências dos fatos inauguradores”,³⁶ Torquato Neto e Durvalino Couto Filho apresentam diferenças em suas formas de pensar e praticar a linguagem. Se ao primeiro era cara a tentativa de “destruir a linguagem e explodir com ela”, ao segundo fica a sensação de que, se não se pode destruí-la, é possível possuí-la, desarranjá-la e

³⁵ A canção **Ai de mim, Copacabana** é uma construção poética de Torquato Neto, gravada por Caetano Veloso, no compacto simples de 1967, e reeditada em 1985, no LP compilatório **Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia**. Em 1999, é incluída no CD Single, comercializado exclusivamente no Japão. Atualmente, integra também a caixa **Todo Caetano**. O trecho citado no poema está presente na música em seu seguinte fragmento: “Um dia depois do outro / Ao teu lado ou sem ninguém / No mês que vem / Neste país que me engana / Ai de mim, Copacabana / Ai de mim: quero / Voar no Concorde / Tomar o vento de assalto / Numa viagem num salto [...]”. Para mais informações. Ver: TORQUATO NETO. **Torquatália**: obra reunida de Torquato Neto. v. I. Do lado de dentro. Organização: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 92 [Grifo nosso].

³⁶ TORQUATO NETO. **Torquatália**: obra reunida de Torquato Neto. v. I. Do lado de dentro. Organização: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p. 134.

submetê-la a um devir menor. Juntos, os poetas das multilinguagens desconstroem fórmulas preditas de ver e sentir. Se pensar historicamente o modo de escrever e inscrever-se no mundo pauta-se no pressuposto de que “o nosso olhar, absorto nas promissoras imagens emitidas pelas tradições de pensamento, é constantemente educado para enxergar o objeto já constituído, perdendo de vista a história de sua constituição”,³⁷ é possível perceber que eles remodelam os objetos que se tornam pautas usuais para o historiador: a palavra e suas variáveis temporais e espaciais. Durvalino parte de Torquato para pensar um tempo e um espaço múltiplos.

RECEBIDO EM : 01/09/2012

PARECER EM: 24/07/2014



www.revistafenix.pro.br

³⁷ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Desfamiliarizar o presente e solapar sua certeza: receitas de Michel Foucault para uma escrita subversiva da História. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea Paz (Org.). **História:** cultura, sociedade, cidades. Recife: Bagaço, 2005. p. 26.